

Depois que aprendi a ver a cor da gaiola

Marcilio Leão

São José do Rio Pardo, São Paulo, Brasil

marcilio.leao@unesp.br

Doutorado em Educação Matemática

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de Rio Claro/SP/Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-0180-3564>

Ainda guardo alguns daqueles e-mails.

Mensagens simples, às vezes breves, mas que carregavam uma serenidade rara. Em tempos acadêmicos marcados pela pressa, pelas métricas e pelas disputas silenciosas por reconhecimento, Ubiratan D'Ambrosio escrevia como quem ainda acreditava que conhecimento e humanidade não deveriam caminhar separados da vida.

Talvez tenha sido exatamente isso que mais me atravessou.

Minha aproximação com as suas ideias não aconteceu de forma repentina. Primeiro vieram os livros. Depois as releituras lentas e demoradas. Mais tarde, os encontros que marcaram profundamente minha memória, as apresentações, os diálogos possíveis e inesquecíveis, os textos revisitados em diferentes momentos da vida e aquela estranha sensação de que algumas palavras não apenas informam — elas deslocam silenciosamente a maneira como passamos a existir no mundo.

Antes eu não enxergava.

Ou talvez enxergasse apenas aquilo que as grades permitiam ver.

Fui formado dentro de uma racionalidade que fragmentava o conhecimento e o pensamento em disciplinas, métodos, teorias e especialidades. Formas de agir e produzir distantes da vida. Aprendemos a admirar o rigor, a objetividade e os sistemas fechados como se fossem as únicas formas legítimas de compreender a realidade. Cada área delimitando os seus próprios territórios. Cada especialista protegido dentro de sua competência hierárquica. Havia segurança nisso. Havia reconhecimento nisso. Mas havia



também algo profundamente silencioso: o afastamento gradual do sentir, do humano e da própria vida.

Foi então que encontrei a metáfora das gaiolas epistemológicas.

E nunca mais consegui esquecê-la.

Os pássaros vivem na gaiola, alimentam-se nela, voam dentro dos limites permitidos, repetem hábitos, reproduzem comportamentos e enxergam apenas aquilo que as grades deixam ver. Não conseguem sequer saber de que cor a gaiola é pintada por fora. Quando li aquilo pela primeira vez, tive a sensação desconfortável de que Ubiratan não falava apenas das disciplinas acadêmicas. Falava também de nós, de nossas vidas e de nossas próprias gaiolas.

Percebi então quantas vezes eu mesmo havia habitado essas gaiolas invisíveis.

Durante muito tempo pensei que matemática fosse apenas rigor, demonstração, método e abstração. Não percebia as humanidades escondidas atrás dos conhecimentos. Não percebia os silêncios produzidos por certas formas de ensinar. Não percebia quantas culturas, experiências e modos de existir permaneciam invisíveis quando reconhecíamos apenas uma matemática legitimada pelos centros de poder acadêmico.

Foi aos poucos que algo começou a mudar dentro de mim.

As leituras de Ubiratan D'Ambrosio começaram lentamente a deslocar o meu olhar, minha forma de enxergar e sentir o mundo. A matemática deixou de ocupar apenas livros e fórmulas. Passei a encontrá-la na vida cotidiana, nos modos de sobrevivência, nas estratégias culturais, nos saberes produzidos fora das universidades, nos gestos simples de pessoas que talvez jamais fossem reconhecidas como produtoras legítimas de conhecimento.

E foi justamente nesse deslocamento que a Transdisciplinaridade começou verdadeiramente a me atravessar.

Não como teoria sofisticada.



Não como moda acadêmica.

Mas como despertar.

Ela aparecia quando uma reflexão sobre matemática conduzia inesperadamente à ética, à antropologia, à ecologia, à espiritualidade, à paz ou à sobrevivência humana. Aparecia quando eu compreendia que os grandes problemas do mundo já não cabiam dentro das fronteiras rígidas das disciplinas. Aparecia quando percebia que conhecer talvez fosse, antes de tudo, aprender a religar.

As preocupações de Ubiratan nunca estiveram restritas à matemática. Havia em seus textos uma inquietação muito maior: o estado da civilização, a violência, a desigualdade, a arrogância produzida pelos conhecimentos fragmentados e a incapacidade humana de perceber a sua interdependência com o outro e com a natureza.

Foi assim que comecei a compreender o sentido mais profundo do triângulo primordial da vida: indivíduo, outro e natureza existindo numa relação de dependência mútua. Não há sobrevivência fora dessa relação solidária. Não há transcendência possível quando rompemos os vínculos que sustentam a própria vida.

Então percebi algo que antes me escapava: o conhecimento fragmentado também produz violência.

Produz quando separa o ser humano da natureza.

Produz quando transforma diferenças em desigualdades.

Produz quando reduz sujeitos a desempenhos.

Produz quando ensina conteúdos, mas desaprende humanidade.

Talvez por isso Ubiratan insistisse tanto na paz.

Hoje compreendo que a sua preocupação nunca foi apenas epistemológica. Era civilizatória e profundamente humana. Havia em sua obra um compromisso silencioso com a sobrevivência digna da humanidade. E, pouco a pouco, fui entendendo que a

Etnomatemática não propunha apenas reconhecer diferentes saberes matemáticos. Ela nos convidava a reconhecer a dignidade humana presente nesses saberes.

Isso muda completamente o sentido de educar, de ensinar e de ver o mundo.

Porque ensinar matemática deixa de ser apenas transmitir técnicas e passa também a significar escutar culturas, reconhecer sujeitos e produzir possibilidades de convivência.

Depois disso, nunca mais consegui olhar para a matemática da mesma maneira.

Porque, aos poucos, compreendi que ensinar matemática também poderia significar ensinar humanidade. Que números, fórmulas e teorias jamais estão completamente separados da dor humana, das desigualdades, da violência ou da esperança. E que talvez o maior desafio da Educação Matemática não seja apenas formar especialistas competentes, mas sim seres humanos capazes de reconhecer no outro a continuidade de si mesmos.

Talvez por isso as palavras de Ubiratan D'Ambrosio continuem ecoando em mim.

Porque algumas ideias não permanecem nos livros.

Elas passam a habitar silenciosamente a nossa maneira de ver e sentir o mundo.

Hoje compreendo que sair da gaiola epistemológica nunca significou abandonar a matemática. Significou, na verdade, devolvê-la à vida.

Devolvê-la às pessoas.

Às culturas.

À natureza.

À dignidade humana.

À esperança.

E talvez seja exatamente aí que resida o sentido mais profundo da Educação:

não apenas ensinar conteúdos,

mas ajudar seres humanos a reaprenderem a conviver.

Porque, no fundo, talvez a paz comece justamente no instante em que deixamos de enxergar o outro como estranho e passamos, enfim, a reconhecê-lo como parte de nós mesmos.



Depois que aprendi a ver a cor da gaiola

After I Learned to See the Color of the Cage

Después de que aprendí a ver el color de la jaula

Resumo

A crônica narra o percurso formativo e humano vivido a partir das leituras, diálogos e atravessamentos provocados pelas ideias de Ubiratan D'Ambrosio. Por meio da metáfora das “gaiolas epistemológicas”, o texto reflete sobre a fragmentação do conhecimento, os limites das disciplinas e a necessidade de uma postura transdisciplinar comprometida com a vida, a dignidade humana e a paz. A narrativa evidencia como a Etnomatemática possibilitou uma nova compreensão da matemática, agora entendida como prática de humanidade, escuta, solidariedade e transcendência.

Palavras-chave: Etnomatemática. Transdisciplinaridade. Educação Matemática. Paz. Humanidade.

Abstract

This chronicle narrates a formative and human journey shaped by the readings, dialogues, and intellectual encounters inspired by the ideas of Ubiratan D'Ambrosio. Through the metaphor of “epistemological cages,” the text reflects on the fragmentation of knowledge, the limits of disciplines, and the need for a transdisciplinary stance committed to life, human dignity, and peace. The narrative highlights how Etnomatemática enabled a new understanding of mathematics, now perceived as a practice of humanity, listening, solidarity, and transcendence.

Keywords: Ethnomathematics. Transdisciplinarity. Mathematics Education. Peace. Humanity.

Resumen

La crónica narra el recorrido formativo y humano vivido a partir de las lecturas, diálogos y experiencias provocadas por las ideas de Ubiratan D'Ambrosio. A través de la metáfora de las “jaulas epistemológicas”, el texto reflexiona sobre la fragmentación del conocimiento, los límites de las disciplinas y la necesidad de una postura transdisciplinaria comprometida con la vida, la dignidad humana y la paz. La narrativa muestra cómo la Etnomatemática permitió una nueva comprensión de las matemáticas, entendidas ahora como práctica de humanidad, escucha, solidaridad y transcendencia.

Palabras clave: Etnomatemática. Transdisciplinarietà. Educación Matemática. Paz. Humanidad.